

Roteiros de Aprendizagem como gênero para produção de material didático para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa

Learning Scripts as a genre to create materials for teaching and learning the English language

Diana Ketlem Paula do Nascimento¹
Tamara Afonso dos Santos²
Luiz Eduardo Guedes Conceição³
Sonaira de Araújo Moura⁴

Resumo: O presente estudo tem por objetivo discutir possibilidades de elaboração de materiais didáticos a partir da apresentação do gênero roteiro de aprendizagem (FARIAS, 2019) e análise de um roteiro tomando por base as contribuições teóricas acerca da temática (PAIVA, 2014; RAJAGOPALAN, 2012; SCHEYERL, 2012, entre outros). Assim, fundamentados numa abordagem qualitativa de pesquisa de caráter documental, apresentamos a análise de um roteiro de aprendizagem elaborado por educadores da rede pública e privada de ensino, fundamentados em teorias para o ensino de línguas, produção e análise de materiais didáticos. Os resultados da análise apontam que o gênero roteiro de aprendizagem possui características fundamentais para um material didático como: capacidade de reusabilidade, contextualização, personalização, construção colaborativa, hipertextualidade e a autonomia do professor.

Palavras-chave: Material Didático; Roteiro de Aprendizagem; Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Abstract: The present study aims to discuss possibilities for the elaboration of didactic materials by presenting the genre learning itinerary and an analysis of a learning itinerary based on the theoretical contributions on the topic (PAIVA, 2014; RAJAGOPALAN, 2012; SCHEYERL, 2012, among others). Thus, based on a documentary qualitative research, we present the analysis of a learning script developed by educators from public and private education systems, based on theories for language teaching, production and analysis of teaching materials. The results show that the learning itinerary has fundamental characteristics for didactic materials, such as: reusability, contextualization, personalization, collaborative construction, hypertextuality and teacher autonomy.

Keywords: Didactic Materials; Learning Itinerary; Foreign language teaching and learning.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC) e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), e-mail diana.nascimento@ifro.edu.br

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC) e Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), e-mail tamara.santos@unir.br

³ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC) e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC), luiz.guedes@ifac.edu.br

⁴ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação: Tecnologia Educativa da Universidade do Minho (UMINHO) e Técnica em Assuntos Educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre (IFAC), sonaira.moura@ifac.edu.br



Considerações Iniciais

Se alguém te pedir para fechar os olhos e dizer qual é a primeira imagem que lhe vem à cabeça ao ouvir a expressão material didático, é muito provável que seja a imagem de um livro físico. Não há nada de errado com isso, mas por esse ser o primeiro pensamento a povoar o nosso imaginário, fica evidente o quanto ainda estamos longe de naturalizar outros formatos de materiais didáticos. Mesmo no universo acadêmico, entre os trabalhos que discutem materiais didáticos, a predominância é de pesquisas que priorizam a análise de livros didáticos.

Desde a sua invenção, o acesso a livros era para poucos e mesmo hoje quando o seu uso parece ter se popularizado eles ainda custam caro. Quando se trata de livros para o ensino de línguas estrangeiras essa realidade fica ainda mais evidente dado o extenso uso de material fotocopiado, o que implica em redução de qualidade do material, dificultando a exploração de recursos visuais, por exemplo.

Escolher um material didático não é tarefa fácil, raramente se consegue encontrar um livro didático que consiga atender às expectativas e necessidades, considerando que o professor tenha autonomia para escolher o material com o qual irá trabalhar, o que não é o caso de muitos docentes, em especial os da rede pública de ensino. Além disso, materiais didáticos comercializados estão geralmente atrelados à lógica mercadológica e não livres de marcas ideológicas.

Contudo, material didático não se resume a livros, à vista disso, uma alternativa para não se utilizar um material que não atenda às necessidades é a adaptação e/ou produção de seu próprio material didático. Não é uma tarefa simples, elaborar materiais didáticos, dentre muitas coisas, demanda tempo, algo que professores não dispõem em grande quantidade, especialmente no cenário de pandemia da COVID19 em que o trabalho remoto apagou as fronteiras entre o trabalho e a vida pessoal destes profissionais. As condições, como bem afirma Ribeiro (2021), são "precárias".

A ideia para este trabalho surgiu a partir das leituras, discussões e atividades fundamentadas em teorias para o Ensino de Línguas, Produção e Análise de Materiais Didáticos durante o período de confinamento e aulas remotas entre janeiro e março de 2021. Assim, adotando uma abordagem qualitativa de pesquisa (SIMÕES; GARCIA, 2014) de caráter documental (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009), este trabalho tem por objetivo a análise do gênero roteiro de aprendizagem, utilizando como objeto de análise um roteiro de aprendizagem produzido com a finalidade de apresentar alternativas ao livro didático, apontando as potencialidades do gênero como material didático para o ensino de línguas.

Deste modo, o presente trabalho é composto de três seções. Na primeira seção, apresentamos algumas concepções que definem materiais didáticos, bem como fazemos

um levantamento de estudos recentes acerca da temática. Em seguida, conceituamos o gênero da linguagem de aprendizagem fundamentado em Farias (2019). E, por último, na terceira seção, apresentamos e analisamos um roteiro de aprendizagem à luz das reflexões de autores como Scheyerl (2012) e Rajagopalan (2012).

Conceituando Material Didático

Antes de apresentar novas possibilidades e propostas de material didático, é primordial compreender o que o constitui. É comum relacionar a expressão à figura do livro didático, e com frequência, é a imagem do livro impresso que vem à mente quando falamos em material didático. Mesmo no cenário acadêmico "a maior parte das publicações prioriza ou concentra as discussões nos livros didáticos" (VILAÇA, 2009, p. 4).

Todavia, outros formatos de materiais cuja intenção seja dar suporte à prática pedagógica podem ser considerados como material didático "quando sua concepção está estritamente ligada à transposição didática dos conhecimentos sistematizados e definidos no planejamento didático" (ANDRADE; FERNANDES, 2010, p. 41).

Do mesmo modo, Lima (2012) afirma que o conceito de material didático vai além dos livros, mas também inclui, "apostilas, documentários, cópias de outros documentos, a internet e outras atividades que, na literatura atual, ainda são denominados recursos didáticos" (LIMA, 2012, p. 149).

Materiais didáticos se constituem pela sistematização dos saberes, por meio dos quais se busca a criação de um ambiente de interação e participação de aprendizes autônomos e protagonistas de seus processos de construção de conhecimento (SILVESTRE; SILVA; SABOTA, 2019). Assim sendo, entendemos que o material didático se caracteriza como um elemento ou um conjunto de elementos que fornecem meios e recursos que facilitam o processo de ensino e aprendizagem, indo muito além do livro físico, que serve de suporte para a sala de aula, mas também exerce o papel de incentivar o discente a buscar e construir novos saberes de forma autônoma. Todavia, raramente "os materiais disponibilizados aos/às docentes pelas escolas e/ou centro de idiomas contribuem, de fato, para esse intento" (SILVESTRE; SILVA; SABOTA, 2019, p. 47).

Contudo, apesar de os livros didáticos não serem o único formato de material didático, Vilaça (2009) ressalta que os livros são comumente considerados "por excelência" o material didático seja na Linguística Aplicada seja na Educação de modo geral. Essa predominância pode levar à conclusão de que outras modalidades e/ou formas de materiais didáticos sejam consideradas como inferiores ou complementares, e conseqüentemente a um "menor nível de preocupação na análise, na avaliação e na seleção de outras modalidades de materiais didáticos" (VILAÇA, 2009, p. 6).

Neste sentido, nosso propósito não é transformar o livro didático em um inimigo, mas elucidar outras possibilidades de materiais didáticos que podem e devem ser exploradas tendo em vista a necessidade dos/as professores/as em dispor de recursos e materiais de qualidade que suportem o seu trabalho, atendam às necessidades específicas de sua realidade, e, se necessário, que estes possam realizar adaptações ou mesmo produzir seu próprio material adequando-o ao seu contexto.

Problematizando Materiais Didáticos

Ao longo dos últimos anos, os materiais didáticos têm sido frequentemente estudados e analisados tanto na área da Educação quanto na Linguística Aplicada. Dentre os estudos realizados acerca da temática em questão, podemos citar como exemplos os trabalhos de Scheyerl (2012), Rajagopalan (2012), Leffa (2017), Araújo e Ferreira (2018) e Silvestre, Silva e Sabota (2019).

Rajagopalan (2012), chama atenção para o caráter ideológico dos materiais didáticos, em especial dos materiais didáticos para o ensino de línguas estrangeiras (LE). Para o autor, o ensino de LE é um compromisso político, discordando daqueles “que acreditam que os textos servem apenas a fins didáticos ou que eles sejam absolutamente neutros ideologicamente” (RAJAGOPALAN, 2012, p. 75).

Scheyerl (2012), bem como Rajagopalan (2012), aponta como materiais didáticos, em especial para o ensino de línguas, são historicamente entranhados por relações de poder e lógicas ideológicas "impondo práticas homogeneizantes domesticadoras dentro da educação cultural" (SCHEYERL, 2012, p. 40). Neste sentido, a autora propõe a produção e utilização de "materiais de dentro", que, para ela, são "materiais autênticos variados, nativos, nativizados, não-nativos, gravados ou escritos, que oportunizem a função sociointeracionista e simbólica da língua" (SHEYERL, 2012, p. 48).

Para a autora, esses "materiais de dentro" devem promover representações identitárias e sociais assim como problematizar questões culturais "apresentando um cenário multicultural e integrando as diversas culturas onde as diferenças entre os indivíduos são valorizadas e variedades de vozes e discursos substituam a visão etnocêntrica dos livros didáticos de línguas estrangeiras" (SCHEYERL, 2012, p. 48).

De modo semelhante, Araújo e Ferreira (2018) priorizam a análise do material didático quanto a representação da mulher branca e da mulher negra, identificando "como a mulher branca e a mulher negra são enquadradas nesse contexto global que o Inglês como uma língua franca vem conquistando" (ARAÚJO; FERREIRA, 2018, p. 74). Para as autoras, livros didáticos possuem um grande poder de influência sobre os discentes e, portanto, devem contribuir para a "desnaturalização de desigualdades, promovendo assim um maior respeito às diferenças, podendo formar cidadãos/ãs críticos/as, reflexivos/as,

sem preconceitos, e que respeitem o outro e as suas culturas" (ARAÚJO; FERREIRA, 2018, p. 75).

Leffa (2017), por sua vez, denota a ideia de adaptação de materiais, em que “os professores não só produzem seus materiais a partir do zero, mas também adaptam e redesenham os materiais existentes, incluindo os seus” (LEFFA, 2017, p. 243). Além disso, fundamentado na perspectiva do design crítico, o autor discute a existência de “três mundos” definindo-os como: “(1) o mundo revelado, ou seja, aquilo que está explícito no texto que o aluno usa; (2) o mundo encoberto, que só é percebido nas entrelinhas; e finalmente (3) o mundo possível, como aquilo que se prefere e se deseja” (LEFFA, 2017, p. 261-262). Deste modo, o autor apresenta três modos distintos de perceber e analisar um mesmo recurso didático.

Silvestre, Silva e Sabota (2019) problematizam o papel dos professores de línguas estrangeiras quanto ao manuseio de materiais didáticos por meio da análise e proposta de suplementação de uma unidade de um livro didático de língua inglesa. Por meio da análise, os autores concluem que "todo material que envolve linguagem é passível de ser questionado, abrindo assim, várias possibilidades de (re)interpretação e construção de sentidos" (SILVESTRE; SILVA; SABOTA, 2019, p. 62) assim como defendem a adaptação e elaboração de materiais didáticos.

Diante dos estudos apresentados vimos a relevância dos materiais didáticos para edificação do saber e formação de indivíduos críticos, assim como evidencia a perspectiva de produção de materiais didáticos como retomada da narrativa e embate às marcas ideológicas e hegemônicas dos materiais didáticos que frequentemente promovem uma visão vertical e etnocêntrica de cultura.

Compreendemos que o processo de elaboração de material didático pode se mostrar uma tarefa hercúlea e repleta de desafios, tais como o tempo dedicado ao processo, questões de ordem técnica e questões culturais e ideológicas. Elaborar materiais didáticos demanda uma quantidade expressiva de tempo, algo que professores, em geral, não dispõem em abundância.

Essa questão é ainda mais agravada pelo atual cenário de pandemia e ensino remoto que de forma abrupta dissolveu as fronteiras entre o trabalho e a vida pessoal destes profissionais. Para além de terem seus lares invadidos pelo trabalho sem qualquer suporte de ordem estrutural, seja em equipamentos, espaço adequado ou auxílio com custos com internet e energia elétrica, professores se viram obrigados a dar aulas mediadas por recursos com os quais possuíam pouca ou nenhuma familiaridade (RIBEIRO, 2021). Dispor de tempo em meio a esse contexto para também produzir materiais didáticos parece inconcebível.

Além disso, se há a pretensão de produzir um material didático para o ensino de línguas estrangeiras para ser usado em larga escala, a diversidade do público alvo pode se tornar um desafio. Mesmo se o objetivo é um material para um público mais restrito e definido, como uma turma apenas, por exemplo, grupos assim também são marcados pela heterogeneidade dos indivíduos e seu contexto local. Essa heterogeneidade tal qual o fato de lidar com idiomas outros, nos faz refletir sobre a responsabilidade intercultural ao se produzir um material didático.

Paiva (2014) acredita que "a experiência de produzir material didático nos ensina que a tarefa não é trivial e coloca em xeque a crença de que o professor deve ser também produtor de material didático" (PAIVA, 2014, p. 355). No entanto, acreditamos que mesmo com os fatores que parecem tornar extraordinariamente laborioso o trabalho de elaboração de materiais didáticos, professores podem sim ser produtores de seus materiais.

Entretanto, é fundamental salientar que o processo de produção e adaptação de materiais exige de professores "pesquisa, prática, reflexão, criatividade, além de tempo e disposição" (SILVESTRE; SILVA; SABOTA, 2019, p. 51), bem como a consciência do seu papel sociopolítico dentro da prática pedagógica que lhe incumbe não apenas a autoridade para ensino do conteúdo como também o poder de influenciar a formação de indivíduos. Portanto, apresentaremos a seguir o gênero roteiro de aprendizagem como um instrumento para elaboração de "materiais de dentro" contextualizados e multiculturais.

Roteiros de Aprendizagem

Para conceituar roteiros de aprendizagem nos fundamentamos em Marcella Sarah Filgueiras de Farias cuja dissertação de mestrado concentra-se em identificar elementos para elaboração de orientações que auxiliem professores na construção de roteiros de aprendizagem. Para a autora, o roteiro de aprendizagem é uma ferramenta de aplicação da técnica de estudo dirigido, o instrumento que chega como tarefa às mãos do aluno para orientar na condução de sua aprendizagem de forma autônoma.

No entanto, o roteiro de aprendizagem não é uma simples lista de exercícios, mas deve ser um instrumento planejado e elaborado objetivamente pelo professor para direcionar o estudo dos estudantes. Além disso, os roteiros "favorecem o engajamento e autonomia dos estudantes, além de contribuir para que os mesmos desenvolvam estratégias de sistematização de estudo para alcançar os objetivos de aprendizagem propostos pelo professor" (FARIAS, 2019, p. 109).

De acordo com Farias (2019), um roteiro de aprendizagem não possui uma estrutura engessada, contudo, apresenta elementos essenciais e que não podem deixar de estar

presentes, assim sendo, conforme a autora, um roteiro se organiza em três elementos básicos: texto de apresentação, objetivos de aprendizagem e tarefas.

O texto de apresentação do roteiro deve conter um texto curto no qual se apresenta a importância da tarefa e orientações do professor ao aluno. O texto de apresentação é um elemento muito importante, pois ele é a comunicação direta com os alunos, assim como o elemento inicial que irá despertar no aluno o interesse em fazer o roteiro de aprendizagem. O texto deve ser feito de forma clara e direta para evitar múltiplas interpretações do discente, no entanto, é o perfil do aluno que irá determinar o estilo do texto, isso permite uma aproximação com ele, por isso conhecer o perfil de seus alunos é elementar para encontrar a melhor forma de comunicação.

Os objetivos de aprendizagem, por sua vez, são o centro do roteiro. Para definir os objetivos de aprendizagem é preciso responder a perguntas como: qual é o objetivo de aprendizagem que você espera que seu aluno alcance com o conteúdo? Quais habilidades e competências você espera que o aluno adquira a partir do que foi ensinado? (FARIAS, 2019). Além disso, o objetivo de aprendizagem deve sempre ser expresso na forma de verbo, que por sua vez, deve indicar uma operacionalidade, que deixe claro o que o aluno deve fazer, e como pode ser mensurado pelo professor.

Há alguns critérios que devem ser seguidos para definição do objetivo de aprendizagem. Ele deve ser viável, pois é preciso estabelecer um objetivo que seja possível de se alcançar; mensurável, considerando que seu objetivo precisa ser medido e avaliado de alguma maneira; e definidor de modo que é o objetivo que guiará o tipo de tarefa e não o oposto. Não é raro professores pensarem primeiro na atividade e só então pensar no objetivo. Outro critério a ser considerado é o de prioridade, o objetivo precisa ser relevante dentro do contexto planejado para a aula e em relação ao que o aluno precisa aprender (FARIAS, 2019).

No que se referem às tarefas, as mesmas estão diretamente ligadas aos objetivos de aprendizagem e são o caminho a ser seguido para que cada objetivo seja alcançado. Alguns exemplos de tarefas para os roteiros são: resolução de problemas, pesquisas bibliográficas, discussões em grupo, questionário, leitura, desenvolvimento de textos, resolução de cálculos, produção de vídeos e desenhos esquemáticos (FARIAS, 2019).

O professor deve "elaborar tarefas com clareza e de acordo com o conhecimento e nível cognitivo do aluno" (FARIAS, 2019, p. 39), bem como considerar não apenas os objetivos como também o contexto e perfil de seus alunos para melhor adequar as tarefas.

Um objetivo de aprendizagem não pode ser alcançado com apenas uma tarefa, mas por um conjunto de tarefas que guiam o aluno a alcançar o objetivo proposto. Para melhor exemplificar, apresentamos a seguir um exemplo de roteiro de aprendizagem apontando suas potencialidades enquanto material didático para o ensino de línguas.

Análise de um roteiro de aprendizagem de Língua Inglesa como material didático

A escolha de analisar roteiros de aprendizagem justifica-se pela compreensão de que o gênero possui características e potencialidades que o qualificam como uma alternativa para construção de material didático. Portanto, nesta seção, analisaremos um roteiro fundamentado em teorias voltadas para o Ensino de Línguas, Produção e Análise de Materiais Didáticos com a finalidade de apresentá-lo como alternativa ao livro didático.

O roteiro em questão foi elaborado na ferramenta Google Documentos de forma colaborativa para alunos do Ensino Fundamental II, tendo como conteúdo o gênero comentário de postagem em redes sociais em língua inglesa e apresentando apenas um objetivo de aprendizagem: "descrever impressões pessoais utilizando adjetivos em Língua Inglesa". A escolha para a utilização da ferramenta Google Documentos para elaboração do material se deve não apenas pela facilidade em desenvolver o trabalho colaborativo entre os professores responsáveis, como também facilita o compartilhamento do material e a sua inserção em diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA).

O primeiro ponto a se considerar sobre roteiros de aprendizagem é que diferentemente dos livros didáticos, eles são materiais mais curtos e não requerem a inclusão de todo conteúdo programático de um componente curricular, por exemplo. Seu objetivo é o de guiar a aprendizagem e, portanto, pode ser produzido de modo avulso, aula a aula. Neste sentido, o planejamento do professor para a aula é que irá determinar a quantidade de objetivos de aprendizagem do roteiro e a quantidade e tipos de tarefas necessárias para que cada objetivo seja atingido.

Como apresentado na seção anterior, um dos elementos de um roteiro de aprendizagem é o texto de apresentação. É por meio desse texto que o docente fará uma comunicação direta com seus alunos. Este é o primeiro espaço de personalização do material, com base na relação professor-aluno e o conhecimento que o professor possui sobre seus alunos é possível fazer uso de diversos elementos para tornar esse texto mais próximo de seu público. Na figura 1 abaixo, temos o recorte do texto de apresentação do roteiro analisado, nele, é possível verificar o uso de uma linguagem direta, assim como o uso de emojis⁵.

⁵ Emoji é uma palavra derivada da junção dos termos em japonês: "e" e "moji". Os emojis são representações gráficas usadas em conversas online, nas redes sociais e em aplicativos como o WhatsApp. Além de adicionar significado e emoção às nossas palavras, os emojis podem efetivamente substituir mensagens curtas 😊

Figura 1. Texto de apresentação do roteiro

Hello!! 🤗

Este roteiro vai levar você a um novo aprendizado cheio de desafios e novas descobertas sobre os adjetivos em inglês!

Leia com atenção o enunciado das tarefas e fique de olho nas dicas fornecidas. Elas vão ajudar você a encontrar a resposta e mostrar coisas novas sobre o tema.

Ao final deste roteiro, você será capaz de:

- Descrever impressões pessoais utilizando adjetivos em Língua Inglesa

A entrega do roteiro está marcada para o dia: 18/02 | Pontuação: 2,0 pontos.

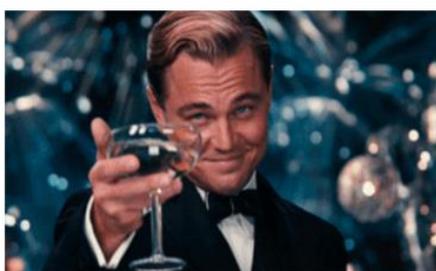
Fonte: Roteiro de Aprendizagem⁶ (2021)

Ao longo do roteiro analisado, como mostra a figura 2 a seguir, apresentamos o uso de emojis⁶ e GIFs⁷ como recursos de personalização e aproximação do contexto sócio cultural de seu público alvo. O uso destes recursos pode despertar no aluno o sentimento de pertencimento, bem como, conforme utilizado pelo professor, garantir um efeito humorístico e cômico, imprimindo ao material uma leveza que nem sempre está presente em livros didáticos convencionais. Lembramos ainda que diferentes públicos podem requerer o emprego de diferentes elementos para garantir o mesmo efeito.

Figura 2. Texto final do roteiro

Lição concluída!! 🥳

Agora você com certeza está pronto para expressar sua opinião em inglês!



Fonte: Roteiro de Aprendizagem (2021)

⁶ As figuras utilizadas foram retiradas do roteiro de aprendizagem elaborado com base em teorias voltadas para o Ensino de Línguas, Produção e Análise de Materiais Didáticos.

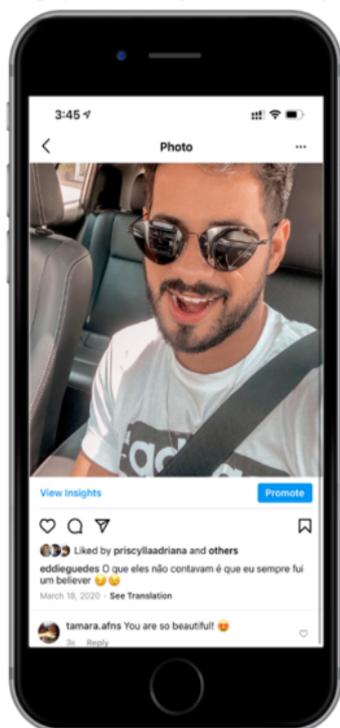
⁷ O GIF (Graphics Interchange Format) é um formato de imagem de bitmap que foi lançado pela empresa CompuServe no ano de 1987. Em português, a sigla significa Formato de Intercâmbio de Gráficos, e este formato possibilita a compactação de várias cenas, exibindo-as em movimento. Os GIFs são frequentemente utilizados na web, apesar de não possuírem som, as imagens são responsáveis por transmitir a mensagem desejada.

Ainda no que diz respeito à contextualização de materiais didáticos, vale lembrar que não é apenas nos textos de apresentação e finalização do roteiro ou com a utilização de emojis e GIFs que é possível levar o material para mais perto da realidade dos discentes.

Na figura 3, temos o exemplo de uma das tarefas do roteiro que possibilita a associação do conteúdo a ser ensinado/aprendido com ações comuns à realidade dos aprendentes por meio do uso de redes sociais. Assim, na atividade em questão, os discentes devem usar os adjetivos aprendidos nas atividades anteriores para fazer um comentário em língua inglesa em uma publicação real no perfil do Instagram de algum amigo conforme o exemplo.

Figura 3. Atividade com proposta de uso de redes sociais

Tarefa 4. Agora que você encontrou os adjetivos, faça um comentário na postagem de um(a) amigo(a), tire um print e cole aqui.



Fonte: Roteiro de Aprendizagem (2021)

Ademais, o gênero também possui a singular possibilidade de ser construído de forma colaborativa em plataformas digitais que permitem o trabalho telecolaborativo, como é o caso do roteiro aqui apresentado, de modo que, professores com objetivos em comum podem se reunir, de forma presencial ou virtual, e de forma síncrona ou assíncrona, compartilhando seus conhecimentos e experiências para a construção de um material que atenda às suas necessidades e expectativas.

A construção colaborativa de roteiros de aprendizagem pode também se tornar uma alternativa ao problema da escassez de tempo dos educadores. Além disso, é possível não apenas o trabalho colaborativo de construção do material a partir do zero, como

também o seu compartilhamento para que outros docentes em qualquer lugar possam adaptá-los à sua realidade promovendo a edificação de uma rede sólida de colaboração entre os profissionais da educação.

Com o uso da internet para fins educacionais intensificado pelo cenário da pandemia, o roteiro de aprendizagem se torna uma alternativa promissora para o ensino remoto, se caracterizando como um instrumento que permite a integração de múltiplos recursos e tecnologias digitais agregando dinamicidade e hipertextualidade ao material.

Um exemplo disso é a inserção de links e QR Codes nas tarefas que direcionam os aprendizes a diferentes plataformas. Na figura 4, apresentamos o uso de um link que direciona o aluno para a plataforma Quizlet na qual o aprendiz poderá utilizar todas as funcionalidades da plataforma, o modo cartões, aprender, escrever, soletrar, avaliar bem como os jogos combinar e gravidade, para aprender e praticar a lista de vocabulário do roteiro.

Figura 4. Atividade com a plataforma Quizlet

Tarefa 2. Vamos agora usar o Quizlet para você praticar uma lista de adjetivos e aumentar seu vocabulário. Clique no link a seguir, e vá na opção “Aprender” mostrado na imagem abaixo e complete a atividade até 100%. Se sentir que ainda precisa revisar mais, faça as outras atividades: soletrar, cartões ou os jogos de combinar.

Link da atividade: https://quizlet.com/_8ue4te?x=1jqt&i=1f5jsg



Fonte: Roteiro de Aprendizagem (2021)

O Quizlet é uma plataforma que pode ser utilizada por professores e alunos para estudo de conteúdo através de listas de estudo de basicamente qualquer área de estudo. Qualquer pessoa pode criar uma lista de estudo do zero ou usar/reutilizar e editar uma lista já existente na plataforma criada por outros usuários de forma gratuita.

Na figura 5, além do link de acesso à plataforma LearningApps.org, também usamos o QR code que permite que o aluno tenha o mesmo acesso à plataforma por meio do smartphone e possa realizar a atividade do caça-palavras. Se você apontar a câmera do seu celular para o QR code na figura abaixo, certamente também terá acesso ao caça-palavras do nosso roteiro.

O LearningApps.org é um aplicativo que permite a criação de pequenos módulos interativos também chamados de Apps que podem ser utilizados como exercícios. A plataforma tem por objetivo reunir Apps reutilizáveis criados por outros usuários ou em formato de templates de diferentes tipos: caça-palavras, exercícios de combinar, palavras cruzadas, jogo do milhão, quebra-cabeças, jogo da memória, dentre outros, disponibilizando-os a todos. No entanto, os Apps como a própria plataforma alerta, são descontextualizados e não incluem um cenário de aprendizagem específico, ou seja, sozinhos, não são adequados como tarefas completas, mas devem ser incorporados em um cenário de ensino e aprendizagem adequado, o que no nosso caso, é o roteiro de aprendizagem.

Figura 5. Atividade com a plataforma LearningApps.org

Tarefa 3. Nossa amiga Ana acabou de postar uma foto nova!! Encontre no caça-palavras os adjetivos que podem ser usados para descrevê-la. Use o QR code ou o link para fazer o exercício.



Aponte a câmera do seu celular para o código que ele vai entrar no exercício ou acesse pelo link abaixo:

<https://learningapps.org/17409208>

Fonte: Roteiro de Aprendizagem (2021).

Neste contexto, concluímos que tanto o Quizlet quanto o LearninApps.org são plataformas com conteúdo e funcionalidades de grande relevância e utilidade, porém não podem ser utilizadas sozinhas apenas pelo seu caráter interessante, mas devem estar inseridas em um cenário de aprendizagem bem construído. Em um roteiro, por exemplo, elas podem ser utilizadas como tarefas para se alcançar o objetivo de aprendizagem do roteiro.

No tocante ao ensino de línguas estrangeiras em que é preciso trabalhar as quatro habilidades, fala, escuta, leitura e escrita, essa capacidade de integração de diferentes recursos e plataformas digitais proporciona mais possibilidades para desenvolvimento dessas habilidades linguísticas.

Outrossim, sabemos que nenhum material didático está livre de marcas ideológicas, Scheyerl (2012) mencionando Mota (2010) demonstra como materiais didáticos para o ensino de línguas estrangeiras podem com frequência estar ancorados em uma "metodologia de ensino baseada no treinamento de rejeição da própria identidade e na ideia de se criar no aprendiz o desejo de ser o outro" (SCHEYERL, 2012, p. 41). Em consequência disso, professores se tornam porta-vozes de uma "Pedagogia da Assimilação" e de "manipulação ideológica das culturas estrangeiras" (SCHEYERL, 2012, p. 42).

Nesta perspectiva, Scheyerl (2012) aponta como caminho a produção de "materiais de dentro" com "atividades atreladas a conteúdos linguísticos que, por sua vez, estejam vinculados a cenários multiculturais, multiétnicos, *multigeneri*, mediadores da conscientização crítica no contexto da aula" (SCHEYERL, 2012, p. 51). Atividades como as propostas por Scheyerl (2012) podem muito bem ser elaboradas dentro de um roteiro de aprendizagem, o que nos leva à conclusão de que os roteiros de aprendizagem são também "materiais de dentro".

Compreendemos, contudo, que o caráter desconstruído e multicultural do roteiro depende exclusivamente da consciência do professor quanto ao seu papel e a sua decisão de assumir o compromisso político ideológico que lhe cabe.

Considerações Finais

Vimos ao longo deste trabalho que produzir materiais didáticos não é uma tarefa trivial e que certamente o primeiro obstáculo reside na compreensão do que constitui um material didático, o que significa desconstruir o imaginário em torno do livro didático enquanto representante único dessa categoria.

Com o intuito de contribuir com reflexões e possibilidades outras para elaboração de materiais didáticos, apresentamos e analisamos, neste trabalho, o gênero roteiro de aprendizagem à luz das contribuições de estudiosos da temática como Scheyerl (2012) e Rajagopalan (2012).

Deste modo, ficou evidente que o roteiro de aprendizagem possui características fundamentais para um material didático. Dentre elas podemos destacar a sua capacidade de reusabilidade, contextualização, personalização, construção colaborativa, hipertextualidade e o mais importante, a autonomia do professor.

Neste sentido, acreditamos que o gênero roteiro de aprendizagem constitui um caminho promissor para elaboração, individual ou coletiva, de materiais contextualizados, dinâmicos, autênticos e multiculturais, especialmente, no contexto de ensino remoto, não apenas para o ensino de línguas, mas para qualquer área do saber. Por fim, porém não menos importante, ressaltamos que o uso de roteiros de aprendizagem não implica na exclusão do livro didático, se o docente possui um livro didático que acredite ser relevante, ele pode ser incorporado ao roteiro.

Referências

- ARAUJO, Jessica Martins; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais de gênero em livros didáticos de língua inglesa sob um viés do Inglês como Língua Franca. **Brazilian English Language Teaching Journal**, Porto Alegre, v. 9, n.1, p. 74-90, 2018.
- CARNEIRO, Tiago da Fonseca; CONCEIÇÃO, Luiz E. Guedes; NASCIMENTO, Diana K. Paula de; SANTOS, Tamara Afonso; SILVA, Gigliane Silva. **Roteiro de Aprendizagem**. Rio Branco: UFAC, 2021.
- FARIAS, Marcella Sarah Figueiras de. **Design thinking na elaboração de um produto educacional: roteiro de aprendizagem - estruturação e orientações**. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2019.
- FERNANDES, Woquiton Lima; ANDRADE, Jaqueline B. Ferraz. O material didático na educação à distância e sua dimensão cognitiva: do recurso ao discurso. In: LACERDA, Gilberto Santos, ANDRADE, Jaqueline B. Ferraz de (Org.). **Virtualizando a Escola – Migrações docentes rumo à sala de aula virtual**. Brasília: LiberLivro, 2010.
- LEFFA, Vilson J. Produção de Materiais para o Ensino de Línguas na Perspectiva do Design Crítico. In: TAKAKI, Nara Hiroko; MONTE MOR, Walkyria (Org.). **Construções de sentido e letramento digital crítico na área de línguas/linguagens**. Campinas: Pontes Editores, p. 243-265, 2017.
- LIMA, Diógenes Cândido. Construção de crenças sobre materiais didáticos em narrativas de aprendizagem e a formação do professor de língua estrangeira. In: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio (Org.). **Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Contestações e Proposições**. Salvador: EDUFBA, p. 139-166, 2012.
- PAIVA, Vera L. M. de Oliveira. Os desafios na produção de materiais didáticos para o ensino de línguas no ensino básico. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.8, n. 10.1, p. 344-357, 2014.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O papel eminentemente político dos materiais didáticos de inglês como língua estrangeira. In: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio (Org.). **Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Contestações e Proposições**. Salvador: EDUFBA, p. 57-82, 2012.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Educação e tecnologias digitais na pandemia: ciclos da precariedade**. Cadernos de Linguística, v. 2, n. 1, p. 01-16, 2021.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de.; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I, n. 1, p. 1-15, 2009.

SCHEYERL, Denise. Práticas ideológicas na elaboração de materiais didáticos para a educação linguística. In: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio (Org.). **Materiais Didáticos para o Ensino de Línguas na Contemporaneidade: Contestações e Proposições**. Salvador: EDUFBA, p. 37-56, 2012.

SILVESTRE; Viviane P. Viana; SILVA, Michael D. Rodrigues da; SABOTA, Barbra. **Materiais Didáticos de Língua Estrangeira Sob o Viés das Perspectivas Críticas na Educação Linguística: um Estudo pela Ótica dos Três Mundos**. Línguas e Letras: Edunioeste, v. 20, n. 46, 2019.

SIMÕES, Darcilia; GARCÍA, Flavio. **A pesquisa científica como linguagem e práxis**. Rio de Janeiro: Publicações Dialogarts, 2014.

VILAÇA, Márcio L. Corrêa. O material didático no ensino de língua estrangeira: definições, modalidades e papéis. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Unigranrio: Duque de Caxias, v. 7, n. 30, p. 1-14, 2009.

Recebido: 16.11.2022
Aprovado: 02.04.2023
Publicado: 10.04.2023